

REVISTA DA 9ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS

PUBLICAÇÃO DAS ENTIDADES ADUFAL E SINTUFAL - MACEIÓ 2019



Projetos de pesquisa e o serviço que prestam à sociedade alagoana

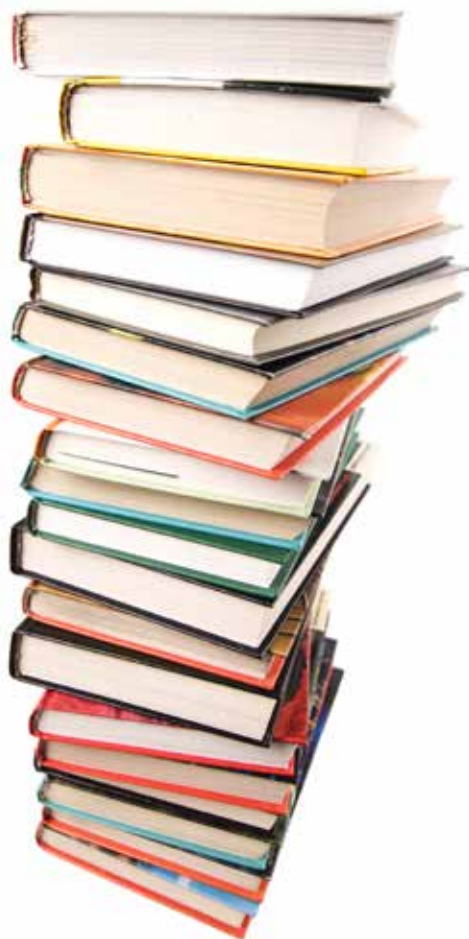
Projeto TATU estuda implantação de aplicativo que promove acessibilidade em locais turísticos de Maceió

Pág. 03/05

- ENTREVISTAS **Págs. 06/07**
- BARÃO DE ATALAIÁ SEGUE COM SEUS ALFARRÁBIOS AGORA TURBINADOS PELA VENDA VIRTUAL **Págs. 08/09**
- HOMENAGENS **Págs. 10/11**
- DICAS DE LEITURA **Pág. 12**



9ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS 2019



Esta revista, publicada pela Associação dos Docentes da UFAL (ADUFAL) e pelo Sindicato dos Trabalhadores da UFAL (SINTUFAL), é uma colaboração destas entidades sindicais à 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, que ocorrerá entre os dias 1º e 10 de novembro. A revista objetiva a divulgação das atividades do evento, aborda outras experiências existentes fora do espaço universitário, bem como destaca alguns dos trabalhos acadêmicos, científicos e culturais dos profissionais da Universidade, tanto dos professores quanto dos servidores técnico-administrativos, se constituindo em uma singela homenagem a estes profissionais.

Acreditamos que o estímulo e a divulgação destes trabalhos contidos nesta publicação adquirem ainda maior importância em função dos tempos sombrios que estamos atravessando, com cerceamento das liberdades democráticas, censura às artes, à produção cinematográfica e literária, ao esvaziamento das instituições de fomento à ciência e ao conhecimento, características de uma etapa histórica de profundo retrocesso e obscurantismo no Brasil e em outros recantos do mundo.

Também apresentam ao público outra faceta pouco conhecida das entidades ADUFAL e SINTUFAL, conhecidas pelas suas respectivas histórias de autonomia e defesa dos direitos dos trabalhadores da Universidade; o estímulo aos esforços individuais e coletivos de produção acadêmica, científica e cultural dos seus associados, participando do espaço público desta, feita de maneira um pouco diferente, mas igualmente legítima, posto que as ações contra-hegemônicas ocorrem em várias frentes e de maneiras distintas. Sem dúvida, a valorização do saber e das artes constituem momentos importantes da construção da sociabilidade humana, os pontos centrais desta publicação.

Boa leitura a todos/as.

Associação dos Docentes da UFAL (ADUFAL)
Sindicato dos Trabalhadores da UFAL (SINTUFAL)

EXPEDIENTE

Presidente
Jailton de Souza Lira
Vice-presidente
Ana Maria Vergne de Moraes Oliveira
Secretário Geral
Domingos Sávio Corrêa
Primeira Secretária
Maria Aparecida Batista de Oliveira
Tesoureiro
Ailton Silva Galvão
Vice-tesoureiro
Altair Marques da Silva

Diretoria de Política Sindical
Carlos Eduardo Müller
Dorgival Morais de Lima Júnior (Suplente)
Diretoria de Política Educacional e Científica
Irailde Correia de Souza Oliveira
Cícero Péricles de Oliveira Carvalho (Suplente)
Diretoria de Política Cultural
Maria do Socorro Menezes Dantas
Rita Luiza de PérciaName (Suplente)
Diretoria de Divulgação e Imprensa
Magnólia Rejane dos Santos
Amauri da Silva Barros (Suplente)

Jornalista responsável: **Karina Karolinne A. L Dantas** - MTE/AL 1944
Diagramação: **Aleck Lima**
Associação dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas – Adufal
Rua Dr. José de Albuquerque Porciúncula, 121 Farol Maceió-AL CEP:
57051-345 - CNPJ: 12.499.018/0001-69
(82) 3241-1880 | (82) 9.9992-6899

Site: www.adufal.org.br
Facebook: [@adufal.secaosindical](https://www.facebook.com/adufal.secaosindical)
Instagram: [@adufal_oficial](https://www.instagram.com/adufal_oficial)

Coordenação Geral
Paulo Jorge Omena de Albuquerque (Titular/
Antigo DAP - Pagamento Aposentado), José
Marcos Gomes (Marquinhos) (Titular/Espaço
Cultural), Deusdete Maia dos Santos Farias
(Suplente/HU)

Coordenação de Finanças
José Jerônimo da Silva (Titular/Aposentado),
Altamiro Nobre Pedreira (Titular/HU)

Coordenação de assuntos jurídicos
Iracema Maria da Silva (Titular/Gabinete
Odontológico), Lindinalva Maria Santos
(Suplente/Aposentada)

Coordenação de aposentados e pensionistas
Cecilia Martins (Titular/Aposentada), Rozivete
Bezerra da Silva (Suplente/Aposentada)

Coordenação de Comunicação, Formação e
Política Sindical
Ricardo José Oliveira Ferro (Titular/COS),
Flávio José Marques Lins (Suplente/Comissão
de Ética Profissional), Marta de Carvalho
Silva (Titular/Espaço Cultural), Wellington de
Vasconcelos (Suplente/Aposentado)

Coordenação de Direitos Humanos, Gênero,
Raça e Etnia
Sonia de Lima Santos (Titular/Aposentada/
HU), Roberto Antunes (Suplente/SINFRA)

Coordenação de Esporte e Lazer
Claudio Ediberto Cordeiro (Titular/DCF-Reitoria),
José Carlos (Suplente/CECA)

Coordenação de Administração Patrimonial e
Informática
José Ulisses Filho (Titular/SINFRA), Marlúcia
Cordeiro Oliveira (Suplente/Aposentada)

Coordenação da Mulher
Sonia Maria Nascimento Alves (Titular/
CACON-HU), Maria José Gomes (Suplente/
Aposentada)

Coordenação Regional
ARAPIRACA: Lauco Jackson (Titular/Campus

Arapiraca), Bartolomeu Rodrigues de Mouraa
(Suplente/Viçosa)
DELMIRO: José Moyses Ferreira (Titular/Campus
Arapiraca/Polo Penedo), Larissa Leobino
(Suplente/Campus Sertão/Biblioteca)

Jornalista responsável: Flávio Miguel 534-
MTE/AL

Gráfica: **GRAFMARQUES**
Tiragem: 10 mil exemplares

Projetos de pesquisa e extensão da Ufal prestam serviço à sociedade alagoana

“A pesquisa precisa de investimento. A ciência conversa com a comunidade”, diz a professora Patrícia Nascimento, coordenadora do projeto Down Um Sorriso.

Karina Dantas/Adufal

A educação pública e a ciência têm sido alvos de diversos ataques do governo de Jair Bolsonaro (PSL). Desde o início da gestão já ocorreram bloqueio de verbas nas universidades públicas do Brasil, redução do orçamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que resultou no bloqueio e corte de cerca de 5,57% de bolsas de pós-graduação ofertadas pela instituição, declarações polêmicas que desrespeitam e desvalorizam a categoria docente, apresentação de projetos que pretendem mercantilizar a educação pública, como o “Future-se”, entre outros retrocessos.

Em meio a tanto atraso, é preciso frisar a importância que as universidades públicas têm como prestação de inúmeros serviços à sociedade. A Universidade Federal de Alagoas (Ufal) é exemplo da necessidade de investimento público para que sejam mantidos os projetos de pesquisa e extensão, que ajudam diversas comunidades e grupos da sociedade.

Um exemplo de projeto de extensão de grande relevância é o **Down Um Sorriso**, que faz atendimento odontológico, fonoaudiológico e nutricional especializados em pacientes infantis com Síndrome de Down. A coordenadora do projeto, professora Patrícia Nascimento, explica que o objetivo do projeto é ter uma visão geral da criança, para que os pacientes com essa necessidade específica possam ser estimulados o mais cedo possível e ter autonomia.

“No Down Um Sorriso a família tem a oportunidade de levar seu filho e lá receber orientações, tanto para a saúde bucal, quanto em relação à nutrição e à fono. Também é feito o diagnóstico no caso de bebês, e aconselhamento genético para os pais, para que no futuro essas crianças sejam indivíduos saudáveis, inseridos no mercado de trabalho e que não vivam à margem da sociedade”, diz a professora universitária.

O funcionamento do projeto conta com a parceria do Instituto Amor 21, que auxilia famílias a lidarem com a Síndrome de Down, encaminhando também para o tratamento no Down Um Sorriso; e do Instituto de Fonoaudiologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal), que possui professores e estudantes voluntários fazendo o atendimento especializado na comunicação e fala dos pacientes.



Projeto Down Um Sorriso atende crianças até 12 com síndrome de down. Foto: Reprodução/Instagram @downumsorriso



Estudante do curso de Odontologia da Ufal participam do Projeto Down Um Sorriso. Foto: Reprodução/Instagram @downumsorriso

“Para realizar um projeto como esse, que tem impacto na sociedade, é preciso investimento.”

Professora Patrícia Nascimento, coordenadora do projeto Down Um Sorriso

De acordo com a coordenadora, o projeto tem a participação de 16 estudantes, onde apenas três recebem bolsa, oito professores e uma médica colaboradora, que é geneticista. Além dos três bolsistas, nenhuma outra pessoa recebe qualquer valor para participar do projeto, são todos voluntários.

O atendimento odontológico, fonoaudiológico e da médica geneticista é realizado na clínica de odontologia infantil da Ufal, que foi reformada recentemente e comporta um consultório profissional para esses atendimentos do projeto, enquanto o atendimento nutricional é feito no Hospital Universitário.

“A extensão traz um aprendizado sem igual. Esse aprendizado traz um ganho muito grande para ambas as partes então para realizar um projeto como esse, que tem impacto na sociedade, é preciso investimento”, afirma a coordenadora.

Patrícia Nascimento reforça ainda o desejo de aumentar o projeto para abranger outras áreas de atendimento à criança com Síndrome de Down. “Todo mundo pode contribuir. Seja de psicologia, administração ou qualquer outra área, quem tiver interesse em colaborar pode entrar em contato conosco”.

“A experiência que eu tenho com o projeto é transformadora. É gratificante ver que nós fizemos alguma diferença na vida daquela família. O projeto vai muito mais além do que a boca, e nos dá muita felicidade saber que o projeto contribuiu para que aquela pessoa e aquela família tenham uma vida melhor”, conclui.



Professora Patrícia Nascimento é coordenadora do Projeto Down Um Sorriso. Foto: Karina Dantas



Pesquisa sobre encarceramento feminino estudou as condições das mulheres. Foto: Arquivo da Pesquisa.

Outro projeto de grande importância para a sociedade alagoana foi a pesquisa **“Encarceramento Feminino em Alagoas: um estudo sobre o presídio de Santa Luzia”**, que ocorreu durante dois anos e estudou quatro aspectos do encarceramento feminino, sendo eles: os direitos sexuais e reprodutivos na prisão, a maternidade no cárcere, o estudo e o trabalho na prisão, e a saúde mental das mulheres no cárcere.

A pesquisa foi realizada com dois bolsistas e dois colaboradores da Faculdade de Direito de Alagoas (FDA), e coordenada pela professora e doutora Elaine Pimentel, que possui diversos estudos, inclusive o doutorado, na área de encarceramento feminino.

“Ela [a pesquisa] impacta na medida em que faz a gente conhecer o que é o encarceramento. Nós vivemos em uma cultura punitiva muito forte, então as pessoas clamam por punição, considerando o crescimento da criminalidade e outros aspectos, mas as pessoas não têm noção do que é o encarceramento, o que uma pessoa encarcerada passa. (...) No final das contas o povo brasileiro está clamando por punição e essa punição não é um bem social, ela traz uma repercussão maléfica à sociedade”, diz Elaine.

A professora explica que o estudo foi dividido em duas partes: um momento teórico, onde os participantes realizavam muita leitura de textos, pesquisas, legislação, livros, entre outros materiais, e o segundo momento empírico, em que eles iam para as prisões e entrevistavam as mulheres encarceradas e toda a equipe penitenciária, como agentes penitenciários, de saúde, psicólogas etc.

“Nossa pesquisa mostra que as dificuldades enfrentadas no encarceramento feminino são fundadas no discurso de ressocialização, mas que na verdade viola direitos fundamentais da pessoa encarcerada. (...) O Estado na aplicação da pena deve ir além da ideia de castigo e não pode ser o próprio Estado o violador de direitos humanos, mas ele é. Então a pesquisa mostra isso e mostra como a prática do encarceramento acaba sendo contrária ao discurso de ressocialização”, afirma a professora Elaine Pimentel.

Questionada sobre a experiência pessoal que obteve com a pesquisa, Pimentel respondeu que se sente no compromisso de dar voz às mulheres encarceradas e de levar à sociedade essas informações, uma vez que a sociedade não



Pesquisa sobre encarceramento foi realizada pela Faculdade de Direito de Alagoas. Foto: Arquivo da Pesquisa.

sabe sobre o cárcere. Ela compartilha também que pretende publicar um livro a partir dos relatórios e artigos produzidos com a pesquisa.

“Eu penso que os gestores podem conhecer a perspectiva que a gente constrói e quem sabe aprimorar algumas políticas internas considerando os resultados da pesquisa. Do ponto de vista acadêmico, para os estudantes é uma experiência extraordinária, porque são estudantes de direito que no futuro estarão condenando pessoas ao cárcere ou acusando pessoas ou defendendo, enfim, estarão aí nas profissões jurídicas que poderão levar pessoas à prisão, e é preciso que eles entendam o tamanho da responsabilidade disso”, diz.



Professora Elaine Pimentel, coordenadora da pesquisa sobre encarceramento feminino em Alagoas. Foto: Karina Dantas.



Mais um projeto importante e que está em desenvolvimento é o Projeto **TATU**, que consiste na produção de um aplicativo que tem como objetivo promover a inclusão e o acesso de pessoas com deficiência (PcD) visual e auditiva à atividade turística em Alagoas, através da exibição de informações sobre estes conteúdos em audiodescrição e em libras, com o auxílio de dispositivos Bluetooth.

Para colocar esse aplicativo em prática, cerca de 25 pessoas estão participando. A maioria faz parte do Instituto de Computação (IC) mas também há colaboradores de outras áreas como geografia, história, Letras-Libras, entre outras. O professor Fábio Coutinho, do IC, coordena o projeto e fala sobre a importância do aplicativo para a inclusão social.

“Além do aspecto mais evidente que seria a inclusão de cegos e surdos em ambientes que eram praticamente inacessíveis a essa parcela da sociedade, creio que o aplicativo também permitirá difundir a adoção das práticas envolvidas no contexto da acessibilidade tais como a audiodescrição e uso da Libras.



Professor Fábio Coutinho é coordenador do Projeto Tatu. Foto: Reprodução/projetotatu.com.br

riamente desenvolvido para atender a usuários cegos e surdos, o aplicativo também estará disponível para usuários sem deficiência, contribuindo para a conscientização da sociedade sobre a importância da inclusão”, explica Coutinho.

“(…) A natureza interdisciplinar do projeto me colocou em contato com diferentes temáticas e situações que permitiram meu crescimento, não somente com relação ao aspecto técnico, mas também ao caráter humano.”

Professor Fábio Coutinho, coordenador do projeto TATU

Os participantes do projeto desempenham atividades como pesquisa sobre o acervo de museus e pontos turísticos de Maceió; produção de conteúdo referente ao acervo de museus e pontos turísticos da cidade; elaboração do roteiro de audiodescrição e da tradução do material criado para a Libras; gravação de audioguias para disponibilização no aplicativo; gravação de vídeos em Libras para disponibilização no aplicativo; estudo sobre a usabilidade de aplicativos para perfis de usuários cegos e surdos; entre outras.

De acordo com o professor Fábio Coutinho, a previsão é que no início de 2020 o aplicativo já esteja em prática e funcionando nos locais previstos inicialmente, que são o Museu de História Natural, Museu Théo Brandão e Museu Palácio Floriano Peixoto.

“Tem sido uma experiência bastante enriquecedora e desafiadora ao mesmo tempo, principalmente quando consideramos os entraves burocráticos da administração pública. Todavia, a natureza interdisciplinar do projeto me colocou em contato com diferentes temáticas e situações que permitiram meu crescimento não somente com relação ao aspecto técnico, mas também ao caráter humano”, frisa o coordenador Fábio.

O projeto possui financiamento do Ministério do Turismo e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), além do apoio fundamental da Reitoria da Universidade e de diversos setores desta.

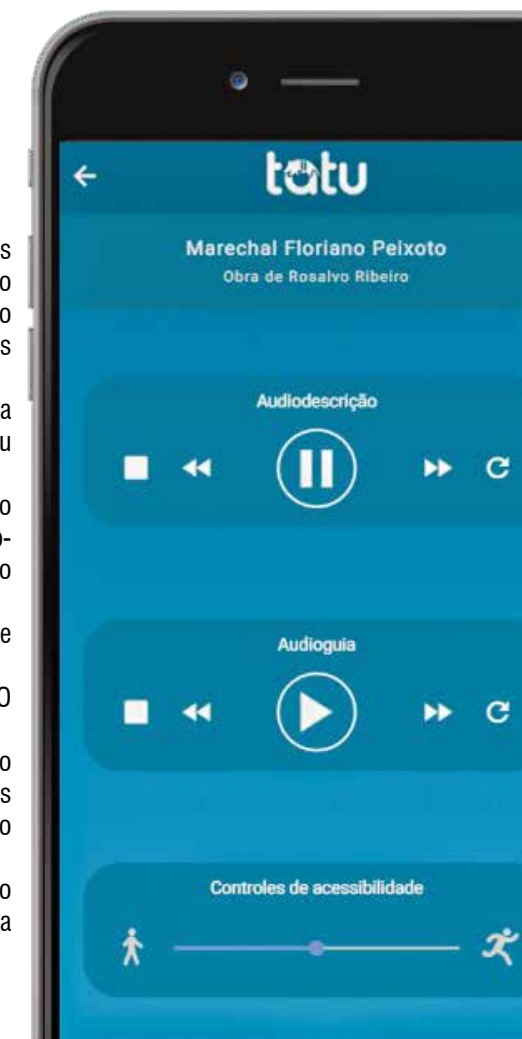
Em uma coisa todos os professores citados concordam: a importância do investimento público na ciência. O incentivo a projetos como esses transformam a vida de pessoas, neste caso, da sociedade alagoana.

“A Capes e o CNPQ são fundamentais porque são as agências de fomento à pesquisa que a gente tem, que são públicas, e que fazem mover a pesquisa nesse país, tanto em pós-graduação quanto em graduação. Acabar com essas entidades significa um retrocesso muito grande porque vai inviabilizar o desenvolvimento de pesquisa de qualidade como hoje nós temos no Brasil”, afirma a professora Elaine.

“A pesquisa precisa de investimento. A ciência conversa com a comunidade, esse aprendizado traz um ganho muito grande para ambas as partes, pesquisadores e sociedade, então é preciso de investimento sempre”, finaliza a professora Patrícia Nascimento.



Projeto Tatu pretende promover acessibilidade em locais turísticos de Maceió. Foto: Reprodução/projetotatu.com.br



Jailton de Souza Lira é doutor em Educação, professor do Centro de Educação (Cedu) da Ufal e presidente da Associação dos Docentes da Ufal (Adufal). Foi também dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas (Sinteval) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT-AL). Pesquisa nas áreas de Gestão e Financiamento Educacional, Movimento Sindical e Educação em Direitos Humanos.

• **São tempos difíceis para a educação pública brasileira. Levando em consideração os cortes nas verbas das universidades e institutos, cortes da Capes, ataque aos docentes, projeto Future-se, entre outras coisas, como classifica o governo de Bolsonaro em relação às pautas em defesa da educação?**

No que diz respeito à educação brasileira, bem como em outras tantas áreas (saúde, meio ambiente, sistema previdenciário, Direitos Humanos), o governo Bolsonaro apresenta uma agenda de desconstrução dos avanços institucionais conquistados nas últimas décadas, a começar pelo absoluto abandono das metas definidas pelo Plano Nacional de Educação (2024), que não encontra respaldo em nenhuma das iniciativas governamentais até agora. Insistindo na redução drástica dos recursos orçamentários necessários ao funcionamento das Universidades, Institutos e Sistemas de Educação, o governo federal prefere a imposição de pautas reacionárias, autoritárias e ancoradas em um senso moral difuso, a exemplo das distorções sobre as questões de gênero ou os ataques ao que eles denominam de marxismo cultural, que categoria analítica inexistente nos espaços educacionais. Na realidade, temas que desviam a atenção da sociedade enquanto os assuntos que realmente importam em termos de garantia do direito à educação com qualidade social são deixados em segundo plano, como tem ocorrido com os itens relativos ao financiamento da educação básica (alocação de 10% dos recursos para a educação pública como previu o PNE, a estruturação do novo FUNDEB, a sustentabilidade das pesquisas científicas), à carreira docente e à ampliação das vagas nas Universidades Públicas.

• **Qual a responsabilidade (ou função) dos sindicatos da educação no enfrentamento a esses ataques?**

Acredito que as entidades sindicais desempenham um papel essencial nesta quadra histórica que estamos atravessando, de organização e mobilização das categorias profissionais, de conscientização sobre a importância de uma educação pública de qualidade e que ofereça oportunidades iguais à maioria da sociedade, visto que ela se constitui em um direito fundamental. Por outro lado, é notório que os sindicatos não contam com a mesma capacidade de mobilização das suas bases como antes, em razão da subjetivação de uma ideologia neoliberal individualista por parte de segmentos importantes da população, que não vê sentido nas lutas coletivas, assim como em decorrência do crescimento do desemprego e dos contratos de trabalho informais, que desorganiza e desestrutura as profissões de modo geral, diminuindo as potencialidades de ação do conjunto das entidades. Além disso, as ações governamentais de retirada de direitos (no qual a Reforma Trabalhista e a Previdenciária se constituem nas ofensivas mais recentes) e os ataques direcionados às entidades sindicais (como a suspensão das consignações em folha de pagamento efetuada já pelo governo Bolsonaro) minam a capacidade de organização e mobilização subjacente à ação sindical. Creio, porém, que esses tempos de fechamento dos espaços democráticos que estamos vivenciando atualmente exigem mais do que nunca a redefinição das formas de resistência com o necessário fortalecimento das entidades sindicais, que se configuram como instrumentos de defesa da classe trabalhadora para fazer frente a esse avanço da ideologia neoliberal e das medidas de subtração dos direitos trabalhistas e sociais em curso.

• **Sobre o Projeto Future-se, qual sua análise sobre ele? O que o projeto representa?**

Por tudo o que temos discutido nos últimos meses, o Projeto Future-se representa outro retrocesso em termos de garantia do direito à educação assegurado pela Constituição Federal de 1988, visto que desrespeita o caráter público da educação ao sobrepor o modelo clássico de organização das Universidades Públicas pela



imposição de uma concepção de gestão a partir de uma lógica privatista (retirando-lhe a autonomia na definição das suas prioridades, da sua gestão, da utilização do seu patrimônio e do seu orçamento, ao tempo em que extingue a realização de concursos públicos para a contratação de pessoal), sem acrescentar qualquer centavo para cumprir os objetivos legais precípuos às universidades relacionados ao ensino, à pesquisa e à extensão. O que se pretende com esse projeto, na realidade, é a transferência dos recursos públicos para instituições privadas representadas pelas Organizações Sociais e a desresponsabilização do Estado com a manutenção das Instituições Públicas da educação, entregues à própria sorte na busca por meios de sustentação financeira. Essa questão é ainda mais grave quando sabemos que o chamado mercado só irá se preocupar em investir naquelas áreas em que eventualmente possam gerar algum tipo de lucro, o que inicialmente deixará de fora toda a área das Ciências Humanas e da Educação, que não contam com nenhum interesse por parte das representações do capital ou dos setores da indústria.

• **Presidir a Adufal é uma grande responsabilidade. Como essa posição na entidade tem somado para sua vida profissional e pessoal?**

Acredito que sempre aprendemos com as experiências e os desafios que nos são propostos. No caso da Adufal, considero uma tarefa de enorme responsabilidade política e profissional, que em tempos “normais”, já seria uma tarefa bastante desafiadora; nesse momento de fragilidade da democracia e de crescimento do autoritarismo, essa responsabilidade se torna ainda mais importante. O fato de ter tido experiências anteriores na direção de entidades sindicais (Sindicato dos Trabalhadores de Educação de Alagoas e Central Única dos Trabalhadores), além de pesquisar a temática do movimento sindical há alguns anos tem colaborado nesta tarefa à frente da Adufal. Evidentemente, o movimento sindical docente no ensino superior tem suas especificidades, mas felizmente temos contado com a colaboração valiosa de grande parte da base associada, o que nos estimula a seguir em frente com esta tarefa.

De modo geral, podemos afirmar que conseguimos avanços importantes ao longo desses dois anos de mandato no sindicato, como: a reforma e modernização da sede da entidade, incluindo um novo mini-auditório, vagas de estacionamento, aquisição de veículo próprio; na área de comunicação, aperfeiçoamos nossos contatos com a base sindical por meio das mídias e ferramentas tecnológicas disponíveis; estreitamos as ações da entidade com os sindicatos da área da educação pública, segmentos estudantis e os movimentos sociais; a Adufal também pautou questões importantes por meio de seminários, mesas redondas e atos públicos, como a discussão sobre a Lei da Escola sem Partido, o projeto Future-se, a defesa da autonomia universitária, a luta contra os cortes orçamentários, a defesa da democracia e dos Direitos Humanos, o combate ao assédio moral etc., além de tantas outras ações no campo jurídico, na consolidação de convênios com vistas a ofertar descontos aos associados, assim como na área cultural e social. Podemos dizer que temos à frente da Adufal um saldo altamente positivo no tocante ao fortalecimento da entidade e ao relacionamento com os filiados, que permanecem contando com uma entidade autônoma, independente e de luta.



José Marcos Gomes, 67 anos, um dos coordenadores gerais da gestão do Sintufal iniciada em 8 de abril de 2019, está prestes a completar 45 anos de trabalho como servidor público da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Iniciou sua trajetória na universidade em 28 de novembro de 1974 e, desde o princípio, foi sócio da Associação dos Servidores da Universidade Federal de Alagoas (ASSUFAL), depois passou a integrar o quadro de filiados do Sindicato dos Trabalhadores de Educação Superior de Alagoas (SINTESEAL) e este último acabou se transformando em Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Alagoas (SINTUFAL).

Ele começou sua vida como servidor após ser aprovado em concurso para agente de portaria e deu início ao trabalho como servente. Hoje, é graduado em História e tem especialização em Administração Universitária. Já foi chefe de gabinete na reitoria, assessor do reitor, presidente da Comissão Permanente de Pessoal Técnico Administrativo (CPPTA) e foi, até hoje, o único técnico a presidir a Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa (Fundepes).

Nesse bate papo vamos falar com ele sobre a conjuntura que o movimento sindical atravessa no Brasil; mobilização, articulação e resistência política; corte nos recursos que são repassados para as instituições federais de ensino; reforma da previdência; ensino público superior; indicação de reitores nas universidades federais; condições de trabalho dos servidores da UFAL; e, por fim, a parceria com a Adufal.

Qual é a sua perspectiva em relação à conjuntura que o Movimento Sindical enfrenta na atualidade brasileira?

A conjuntura em que estamos imersos nos impele a unir forças e travar uma luta diária em defesa dos trabalhadores e, consequentemente, do Movimento Sindical Brasileiro. Estamos vivendo o sufocamento de todas as esferas do sindicalismo, das associações às centrais sindicais. Essa agressão, ao contrário do que tentam dizer, não alcança apenas a organização dos trabalhadores; mas, fundamentalmente, golpeia a classe trabalhadora. Logo, precisamos ter consciência de que estamos em meio a uma luta histórica, persistente; e enquanto houver o capital, o trabalho, precisamos encontrar formas viáveis para manter a luta, pois este é um dos caminhos para esclarecer a sociedade. Carecemos estar unidos, fazer a luta justa e honesta, centrada na conscientização da nossa base. É imprescindível ter clareza de que não há saída fácil para nossa situação. Então, vamos criar mais unidade e resistência como uma saída possível para a encruzilhada em que estamos atravessando.

Como é possível promover mobilizações mais robustas e, consequentemente, fortalecer a articulação do Movimento Sindical para se gerar uma maior resistência política?

É imprescindível estar unidos e ter possibilidade de articulação política capaz de gerar alianças, mesmo que pontuais, mas que possam afrontar o “inimigo” e garantir avanços diante desse momento de resistência. Devemos perceber que o fio que deve nos conduzir é a unidade. O debate da conservação dos direitos dos trabalhadores, do Estado Democrático de Direito e da edificação de uma concepção nacional de desenvolvimento, não pode ser abafado por contendas mínimas no seio de uma categoria.

E a questão dos cortes de recursos federais destinados as instituições federais de ensino. Qual é sua percepção sobre essa situação?

Os cortes representam um comportamento hostil, adotado pelo atual governo e pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub, e simbolizam uma afronta a todas as áreas do conhecimento. Além disso, evidenciam, antes de qualquer coisa, propósitos nefastos que visam, prioritariamente, à promoção da decadência cultural, tecnológica e científica e, consequentemente, pretendem trazer estragos para educação pública, gratuita e qualidade e, também, para o bem-estar do povo brasileiro.

Como a representação dos Trabalhadores da Universidade Federal de Alagoas avalia a reforma da previdência?

O Sintufal é totalmente contrário à Proposta de Emenda à Constituição nº 6-A, de 2019, do Poder Executivo, que modifica o sistema de previdência social - “a famigerada reforma”. O sindicato vai aderir a toda e qualquer ato de luta contra essa reforma e será respaldado por nossa direção colegiada.

Qual é a avaliação que o Sintufal faz da importância do ensino público superior?

As universidades e os institutos federais são, e precisam continuar sendo, um patrimônio da sociedade brasileira. Não resta dúvida de que precisamos estar unidos, continuarmos lutando pela preservação da autonomia universitária bem como manter a mobilização de todas as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) contra todos os ataques do governo federal. Nós, técnicos da Ufal, temos visto a apreensão em todos da comunidade acadêmica.

Existe uma mudança na forma como o atual presidente da República tem feito a indicação de reitores nas universidades federais. Expresse seu ponto de vista sobre essa questão?

Nós - enquanto entidade representante dos trabalhadores da Universidade Federal de Alagoas - respeitamos a paridade na escolha dos reitores da Ufal há mais de três décadas e somos referência em todo o país. E caso isso seja subvertido pelo atual governo federal é um absurdo rasgar a autônoma universitária, preconizada em nossa Constituição Federal, ou seja, o Art. 207 da CF garante que as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A solução não é mudar o viés. O correto é aceitar a vontade popular, respeitar o voto e a democracia.

Há algum estudo feito pelo Sintufal em relação às condições de trabalho dos técnicos administrativos no âmbito da Ufal?

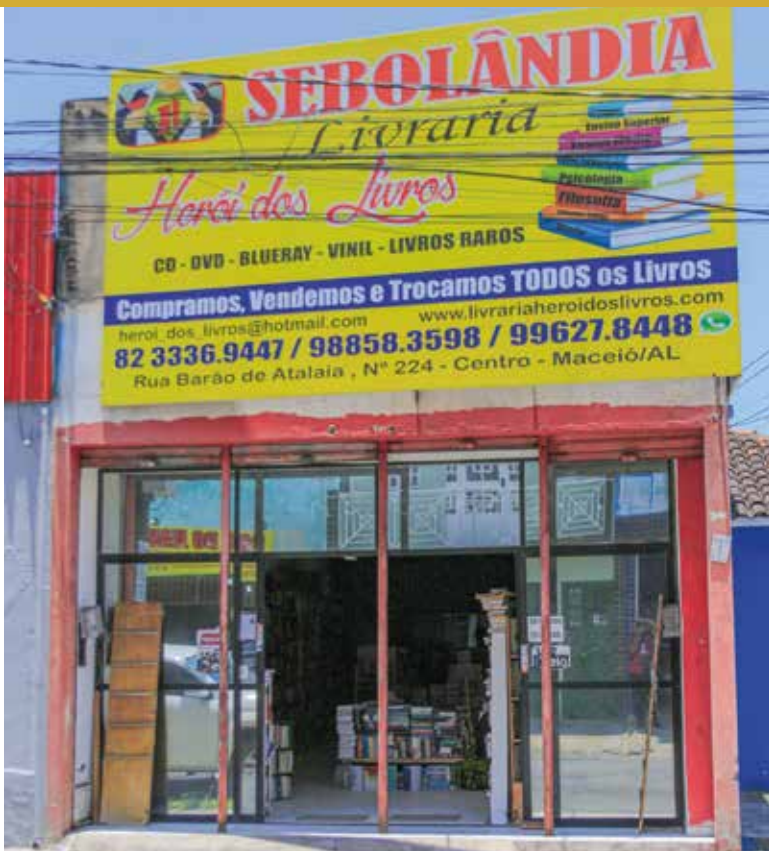
Estamos há cerca de cinco meses à frente da Nova Gestão Colegiada do Sintufal. Nesse momento ainda não temos dados consubstanciados que nos deem propriedade para falarmos sobre condições de trabalho dos servidores da Ufal. Entretanto, a falta de estrutura não é algo recente. Essas dificuldades vêm sendo enfrentadas já há algum tempo.

Fale-nos sobre a parceria que o Sintufal tem com a Adufal em defesa dos trabalhadores da Ufal.

Nós do Sintufal, em parceria com a Adufal, não temos medido esforços no sentido de atender as demandas dos nossos filiados. Reiteramos que só quem luta junto pode tudo. Por isso, precisamos manter a unificação dos nossos propósitos; resistir aos ataques e seguir confiantes na certeza de que não aceitaremos nenhum direito a menos para cada um dos nossos filiados (Sintufal) e associados (Adufal).

Que mensagem você deixa para cada filiado do Sintufal?

Passamos a gerir, há cerca de cinco meses, o Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Alagoas (Sintufal) e iremos partir, efetivamente, para a prática da defesa intransigente de cada um dos nossos filiados. Nossa prática está alinhada ao que preconiza o 2º artigo do Estatuto do nosso sindicato, ou seja, vamos unir todos os trabalhadores técnico-administrativos da base na luta em defesa de seus interesses e, também, desenvolver atividades em busca de soluções para os problemas da categoria, tendo em vista, prioritariamente, a melhoria de suas condições de vida e de trabalho. Queremos convidar a cada um dos nossos filiados a se engajar nesse movimento de unidade e resistência, que servirá como remédio para conjugarmos o verbo esperar, uma vez que ele – esse verbo – permite-nos atuar e fazer frente às lutas vigentes e aquelas que estão por vir.



Lojas de livros usados ocupam região da Rua Barão de Atalaia no Centro da capital alagoana

Barão de Atalaia segue com seus alfarrábios agora turbinados pela venda virtual

Flávio Miguel/Sintufal

A região da Rua Barão de Atalaia, que liga o bairro do Poço ao Centro da capital alagoana, tornou-se referência, ao longo do tempo, quando os leitores procuram os tradicionais alfarrábios ou “sebos” como são, popularmente, conhecidas as lojas de livros usados. Comerciantes – que possuem quase 40 anos de atividade no setor – dividem-se, hoje, entre as vendas em lojas físicas ou pelo marketplace (espaço virtual que reúne várias empresas) ou e-commerce (venda direta pelo site da loja).

Além de lojas, são encontradas, ainda, “bancas de revistas”, que comercializam revistas, livros, CDs e LPs usados. Para Paulo Henrique, com quatro meses no ramo, a modalidade de negócio foi uma alternativa de renda. “Aqui vendo mercadorias minhas e de colegas”, comentou ele.

Já Ronaldo Augusto – com 39 anos de atividades como proprietário de alfarrábios – destaca o crescimento das vendas virtuais pelo marketplace e e-commerce. “Por meio dos sites da Estante Virtual e do Mercado Livre vendo para todo Brasil”, revela Augusto, demonstrando satisfação com o resultado de receita para seu negócio pela internet.

As duas lojas de Ronaldo – visitadas por nossa equipe – uma delas fica sempre de portas fechadas, atualmente, e serve apenas como uma espécie de depósito onde os empregados trabalham internamente, despachando as compras feitas pela internet. Lá, o serviço de entrega fica por conta dos Correios. O custo do serviço de entrega é pago pelo comprador. “Até mesmo o público de Maceió prefere, muitas vezes, comprar virtualmente e receber o produto em casa, uma vez que há a facilidade de utilizar cartões de débito ou crédito”, comenta Augusto.

Não são apenas os livros que ocupam prateleiras dos sebos da Rua Barão de Atalaia. Todos disponibilizam espaços para CDs, LPs e DVDs. Nos mais variados ritmos e gêneros. De Luiz Gonzaga a Led Zeppelin, são inúmeras as possibilidades de resultados para um “garimpo” nas lojas.

A opinião sobre o resultado nas vendas virtuais não mostra unanimidade entre os empresários do ramo. Segundo Romildo Silva, “o custo da venda pela internet não compensa”. Esclarecendo que o serviço de marketplace aplica seu ganho percentual em cima do valor total da comercialização, incluindo o custo de envio, baixando a margem de lucro do alfarrábio na avaliação dele.



Lojas de livros usados ocupam região da Rua Barão de Atalaia no Centro da capital alagoana



Tradicionais alfarrábios ou “sebos” são opções para vendas e trocas de livros raros



O comerciante Redrikson Silva é um dos donos de livreria mais novas na região

Silva – com 39 anos no ramo – diz que vende de tudo em matéria de livro. Não só usados como novos também. “De tudo sai um pouco”, afirma ele que começou na década de 1980 com uma banca de revistas usadas. Ele destaca, na atualidade, o espaço da literatura espírita, filosofia, psicologia e direito, além, logicamente, da ficção.

Todos os comerciantes de alfarrábios fazem questão de dizer que vendem, compram, trocam e aceitam doações também de livros, revistas, DVDs, CDs e LPs. “Muita gente não possui mais espaço para guardar seus livros e não quer vender ou jogar no lixo e nos procuram para doar”, comentou um dos comerciantes. Os preços são variados e existem produtos ofertados a partir de R\$ 3,00 como obras do Direito, entre outros.

O mais novo comerciante do setor de livros usados que encontramos foi Randrikson Silva com 14 anos de atividades. Sendo mais de 10 anos com uma banca e hoje tendo sua loja instalada. Para ele, a venda virtual em um site próprio é a principal plataforma de vendas, além da Estante Virtual e o Mercado Livre. Silva argumenta que “a loja física serve hoje mais como base para aquisição de produtos” e destaca o maior volume de vendas pela internet pela comodidade do serviço.

O jornalista Fábio Henrique Gomes, produtor da Rádio Difusora de Alagoas e assessor de imprensa do Sinteat, é frequentador das livrerias na Rua Barão de Atalaia há mais de 30 anos e afirma: “compro em sebos, aqui em Maceió, há cerca de três décadas. No início, por dois motivos: pela carência de livrerias na cidade, mas, também, para encontrar livros há muito fora do catálogo das editoras”.

Gomes diz que “sempre foi um prazer passar um tempo em meio a livros e esbarrar com uma boa surpresa, um autor que não conhecia, um livro com temática interessante”, explica ele. “Quanto à inovação, por meio das vendas pela internet, acho que até atrasamos um pouco, em se comparando a outras capitais. Tenho uns 10 anos de compra pelo site Estante Virtual, e só agora é que constato a entrada de sebos locais neste tipo de venda. Mas comemoro esta evolução, pois dá possibilidades de atrair para as compras em sebos uma geração mais nova de leitores”, pondera o jornalista.



Para Ronaldo Augusto, vendas pela internet representam uma importante demanda em seu negócio



O vendedor Romildo Silva possui 39 anos de atividade em alfarrábios

“Jornalista diz que “esbarrar com uma boa surpresa” é motivação para ir ao “sebo”



Jornalista Fábio Henrique Gomes admite que compra mais hoje livros usados pela internet



Bancas oferecem livros, CDs, DVDs e revistas, em plena calçada, com mais opções para os frequentadores. Fotos Edilson Omena.

Marcello Lavenère

Nascido em Maceió, o advogado Marcello Lavenère Machado tem grande importância para a história da Associação dos Docentes da Ufal (ADUFAL). Ele é formado em direito pela Faculdade do Recife, em 1960, e em filosofia pela Universidade de Alagoas, em 1969. Já foi presidente da ADUFAL em 1980, e é ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Com seus anos de contribuição para a categoria docente, como avalia a importância do sindicato?

Quando comecei minha atividade como professor nós não tínhamos um sindicato nem uma associação. A realidade nos mostrou que era necessário para os docentes- na defesa de sua profissão e mais ainda, na defesa da Educação Superior, especificamente na defesa da Universidade Federal de Alagoas- ter um órgão de classe que coordenasse esta defesa. Fundamos a ADUFAL, que depois se transformou no nosso Sindicato. A importância desse órgão ao longo dos anos vem-se confirmando, dia a dia. A contribuição sindical não é, para mim, uma despesa, porém um investimento. E um investimento dos mais lucrativos, pelo muito que a ADUFAL faz em favor dos associados, da Universidade e da Democracia.

Acerca da conjuntura política do país, qual sua avaliação sobre o atual governo no que diz respeito à educação pública?

Tenho críticas aos vários governos federais que depois de 1988, perderam a oportunidade de contribuir de maneira decisiva para a educação pública em nosso país. Todavia a atual administração, em pouco mais de um semestre conseguiu submeter as Universidades Federais a um ataque tão destrutivo, tão irracional e tão lesivo da atual e das futuras gerações, que a condenação tem de ser severa e contundente. Agora não se trata de omissão. É um verdadeiro crime que se comete contra o futuro do país, aquilo que se propõe implantar no ensino superior federal. Não tenho dúvida nenhuma de que a ideia é reduzir esta estrutura rebelde que é a universidade pública e seus professores, alunos e servidores que resistem ao arbítrio, a quase nada, amordaçando um setor que não aceita o obscurantismo e a desconstrução do processo civilizatório.

O senhor fez parte da primeira diretoria eleita da Adufal. Quão importante foi sua passagem pela presidência da entidade?

A primeira diretoria eleita teve o massivo apoio dos docentes na primeira e vitoriosa greve reivindicatória da regulamentação da carreira do magistério superior. Pela primeira vez na história da UFAL os professores foram à rua, conjuntamente com as demais universidades brasileiras, durante um período difícil de governo militar, exigir o estatuto do magistério. Outras reivindicações se sucederam, outras conquistas foram obtidas, mas aquele movimento foi sem dúvida um marco histórico.

Qual o papel da justiça brasileira na manutenção da democracia do país?

No mundo inteiro os ataques à Democracia, perpetrados nas últimas décadas tem adotado mecanismos insidiosos e solertes. Assim, a grande mídia, as fakenews, o law fare, os golpes com aparência de legitimidade, são os instrumentos utilizados e que têm corrompido os pilares das sociedades democráticas. A expressão law fare significa que também as instituições jurídicas, em alguns momentos, são manipuladas no sentido contrário ao do seu papel constitucional de garantir os direitos e as liberdades civis. Como exemplo disso menciono a “operação java jato” que se corrompeu e se tornou violadora de regras e garantias fundamentais para uma Democracia.

Algo mais que gostaria de acrescentar?

Tenho muita satisfação e um sadio orgulho de ter contribuído- e contribuir- para a ADUFAL, a quem desejo que continue sua luta, já histórica, de independência, coragem, talento e compromisso com a educação e o país.



Antonio Colatino Ferreira

Engenheiro Civil, 67 anos, aposentado da UFAL, é ex-presidente de ASSUFAL/SINTESEAL/SINTUFAL, conta-nos um pouco de sua trajetória a frente do Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Alagoas (Sintufal).

Você foi presidente do Sinteseal que é hoje o Sintufal. No início da organização dos técnicos existia só uma associação. Como se deu esse processo de construção do Sindicato?

Essa construção se deu a partir dos elementos conjunturais que predominavam àquela época, final da década de 1980. A Universidade sem recursos; servidores desvalorizados e sem perspectivas; transição da ditadura militar para o regime democrático; surgimento de uma nova Constituição; direito à sindicalização; existência de uma Associação assistencialista já reconhecida pela categoria e a demanda pela criação de Sindicatos que representassem os servidores junto às instâncias governamentais. O primeiro passo com a nossa entrada na entidade pré-existente, foi a necessidade de desvincular a Associação (ASSUFAL) da administração da Universidade. Os elementos de conjuntura citados acima e o apoio massivo da base, permitiram que isto ocorresse sem grandes dificuldades. A organização sindical formulada inicialmente pela FASUBRA como aglutinadora de todos os trabalhadores da educação superior em cada estado nos levou a criação de um sindicato que pretendia agregar todos os trabalhadores das instituições de educação superior do estado de Alagoas, dando ensejo à criação do SINTESEAL. A realidade logo nos revelou que seria impraticável pretender representar os trabalhadores de instituições privadas, uma vez que nossos sindicatos se deparavam com uma demanda enorme de temas a serem resolvidos na esfera governamental, além da defesa da educação pública. O projeto inicial foi revisto e o nosso Sindicato foi reformulado, passando a representar somente os trabalhadores da UFAL, mediante a denominação SINTUFAL.

Ao longo do tempo quais as principais conquistas dos técnicos no período de sua militância?

Nesse período, tivemos uma militância destacada nas áreas política, sindical e universitária, permitindo-nos abrir canais de negociação importantes que viabilizaram a maior conquista que a categoria teve que foi ser reconhecida como profissionais da educação superior, e em consequência um Plano de Carreira que trouxe ganhos econômicos nunca alcançados. Participamos de todos os foros sindicais e de organização social do país, formando uma base combativa e atuante. Dirigimos grandes movimentos reivindicatórios com participação massiva da base, que nos permitiu avanços consideráveis. A democratização do país e da Universidade fez parte dessas conquistas.

A organização sindical dos técnicos teve papel fundamental na luta pela democratização da Ufal. Como você avalia esse processo, principalmente no que se refere a eleição de Reitor e o atual momento político nacional?

A democratização da UFAL foi uma das principais conquistas de nossa luta sindical e política no âmbito interno. Foi a partir daí que passamos a fazer parte da estrutura organizacional e ter assento nas instâncias decisórias. A eleição de Reitor não foi uma conquista fácil. A sua adoção como critério para escolha do dirigente e a participação paritária só foi possível mediante a unificação política com os movimentos docente e estudantil. Quanto ao atual momento político é extremamente delicado, uma vez que a democracia é o elo mais afetado. E o maior complicador é que os movimentos sindicais e estudantis foram duramente atingidos e se apresentam debilitados para o enfrentamento necessário.

Valeu a pena toda sua luta pela organização sindical na Ufal? Se fosse preciso faria tudo de novo?



Valeu a pena sim. Creio que se não tivéssemos conquistado aqueles avanços em outra época, estaríamos em situação muito mais precária atualmente. Caso fosse necessário, começaria tudo novamente a partir da politização da base. Sem que haja uma consciência crítica não se avança em nenhuma direção.

Qual mensagem você deixa para os mais novos. A nova geração de técnicos da Ufal proveniente de uma sociedade com formação diferente da sua. Sejam pelas novas possibilidades tecnológicas, hábitos e cultura atual?

A primeira coisa que cada trabalhador deve adquirir é a consciência de ser um elemento de transformação social. Seja no seu ambiente de trabalho ou na vida de relação com a sociedade. Ou seja, consciência de cidadania. Precisa encarar a Instituição UFAL como uma célula da sociedade, em que sua atuação pode fazer a diferença e a sociedade como um todo, o resultado da ação do conjunto desses elementos que a constituem. As novas possibilidades tecnológicas devem ser bem empregadas para formar uma base coesa e politizada, em que hábitos e cultura atuais não sejam responsáveis pelo comprometimento da democracia e das conquistas sindicais e políticas. Finalmente, a UNIÃO de todos, pois, "Solidários, seremos união. Separados uns dos outros seremos pontos de vista. Juntos, alcançaremos a realização de nossos propósitos" (B. Menezes).



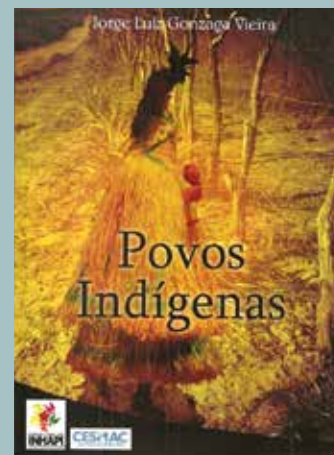
Fábio Lins. Graciliano Ramos e a Administração Pública. (Fórum, 2018). A atualidade do maior escritor alagoano na análise de seus relatórios quando prefeito de Palmeira dos Índios.



Revista Graciliano Calabar, fundador de povos. (Cepal, 2019). Uma edição especial da revista Graciliano, analisando o papel do alagoano Calabar durante o período da invasão holandesa.



Gian Carlo de Melo (org.) História da Escravidão em Alagoas (Edufal, 2019). Uma nova abordagem sobre aspectos de um instituição que marcou a vida social em Alagoas, a escravidão.



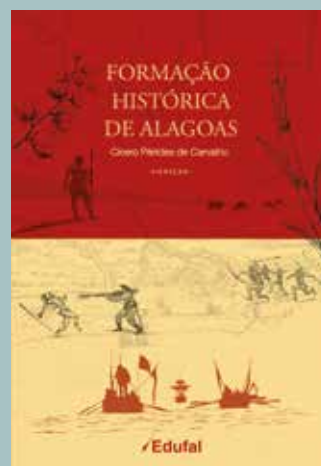
Jorge Vieira. Povos Indígenas Cesmac, (2018). Um texto que nos ajuda a entender a luta cotidiana dos povos originários de Alagoas em defesa de sua cultura e de sua terra



Rachel Rocha. Solitários no paraíso: produção cultural e expressões de isolamento em Maceió (Fapeal/Cepal, 2018). Uma contribuição, escrita de forma clara, para entender as dificuldades e os limites da formação cultural de Alagoas



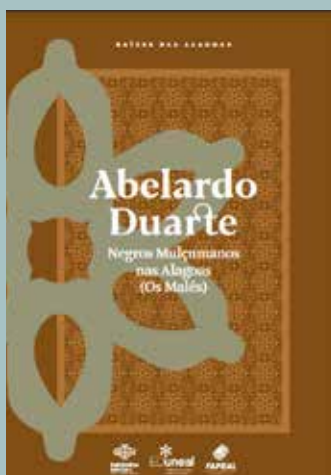
Dirceu Lindoso. Interpretação da Província. Estudo da cultura alagoana. (Edufal, 2018). Um livro clássico da historiografia alagoana; uma consistente reflexão sobre a história de nossa terra escrita por um dos nossos mais importantes pensadores.



Cícero Péricles de Carvalho. Formação Histórica de Alagoas (Edufal, 2019). Um livro fundamental para compreender os aspectos mais importantes do passado de Alagoas, entrelaçando história e economia.



Luiz Sávio de Almeida. Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas. (Cepal, 2019). Uma importante obra para se conhecer o papel dos trabalhadores, dos seus sindicatos e seus partidos na vida social alagoana.



Abelardo Duarte. Negros Muçulmanos nas Alagoas (Os Malês) (Cepal/Uneal, 2019). Um livro sobre a presença africana em Alagoas, com destaque para os muçulmanos (malês), escrito por um destacado formador do pensamento alagoano.



Douglas Apratto – Metamorfose das Oligarquias (Edufal/Cesmac, 2018). Uma análise crítica de um longo período da história alagoana, os anos do período republicano



Luciana Caetano. O elo entre desigualdade regional e desigualdade social (Edufal, 2019). Um importante estudo sobre as desigualdades na economia e na sociedade do Brasil atual.



Ábia Marpin. Luzes para uma face no escuro. (Fapeal/Cepal, 2018). A obra que mostra a existência de um movimento vigoroso que criou uma rede afro-alagoana em defesa da negritude em Alagoas.